

# A CRÍTICA um exercício experimental

*Durante os seus 4 anos de trabalho ligado à dança, a revista Dançar testemunhou de perto o poder da crítica. Um sem número de profissionais já tiveram suas carreiras interrompidas, assim como uma porcentagem significativa ganhou prestígio da noite para o dia. Sendo um dos canais mais determinantes da comunicação, a matéria crítica deve ser também aquela que exige do seu autor o maior cuidado e respeito com a classe profissional. A professora da Escola de Comunicações e Artes de São Paulo, Annateresa Fabris esclarece o papel da crítica, a sua relação com o autor e com a arte.*

**N**os anos 60, ao propor um modelo crítico que trabalhasse "contra a interpretação", Susan Sontag não pensava apenas num argumento da experiência sensorial em detrimento das antigas leituras prescritivas, alicerçadas em categorias e hierarquias, que a arte contemporânea vinha solapando e desmentindo. Pensava também e sobretudo num tipo de abordagem que privilegiasse a reflexão sobre a forma ("como é o que é"), que tornasse a obra "transparente", "real", que ampliasse a visão do mundo para além do universo vaginal dos "significados".

Ao postular uma "erótica da arte", Susan Sontag estava atacando frontalmente o velho modelo da crítica judicativa e inventendo radicalmente seu procedimento operacional. Se o que contava era, antes de tudo, a "aparência" da obra, estava lançado um grande desafio para a crítica: transformar em categorias instrumentais, em parâmetros flexíveis, experimentais, os necessários conhecimentos estéticos e históricos e conceder primazia à percepção.

O desafio lançado à crítica não se restringia à proposta de um novo campo de atuação (relativo, dialético, em contato constrangedor com a contradição e o devir), pois abarcava também um novo tipo de relação com o público, que Harold Rosenberg resumirá na ideia da "consciência da mudança". Privile-

giar a percepção significava entrar em sintonia com os próprios procedimentos da produção cultural contemporânea - forma "aberta" por excelência -, estar pronto a captar a mudança no próprio ato de sua manifestação, socializá-la, isto é, torná-la explícita ao público a fim de evitar o circuito entre arte e sociedade.

Vista por este prisma, a crítica acaba por configurar-se como "maneira possível" de leitura que, embora alicerçada num juízo de valor, não se sobrepõe ao objeto por ela analisado, não se transforma em "autobiografia", como pretendia Oscar Wilde. Se é um diálogo entre duas percepções e duas configurações do mundo, faz brotar à reversão, até mesmo à contradição, uma estrutura dinâmica para a qual confluem, além da obra, a história e as concepções culturais de nosso tempo.

A crítica como exercício experimental não é apenas uma forma fecunda de autodidatismo, como propõe Lucy Lippard. mas a própria didática em ação. Se, ao postular a mudança, leva o crítico a rever seus valores e conceitos, ao mesmo tempo, convida o fruidor a um ato de percepção inteligente. deste modo, crítico, artista, fruidor não participam apenas de uma experiência cultural, pois, através da mudança, é o próprio mundo que passa a ser analisado a partir de instrumentos móveis e experimentais.

